



Alfredo da Veiga-Neto
Rosa Maria Bueno Fischer

Alfredo Veiga-Neto: O que levou a editora de uma revista científica no campo da Educação a preparar um número temático sobre Foucault?

Rosa Maria Bueno Fischer: Primeiro, o fato imediato: os vinte anos da morte de Foucault. Para nós, não se trata de celebrar a morte. Mas talvez pensar sobre o que é a morte, e o que é a loucura para Foucault. Acho que se trata de celebrar a permanência de Foucault, neste caso, pensar como ele adquiriu vida nas pesquisas em educação. Acho que a vida dele, a presença dele, viva, nos estudos de educação, e, particularmente, no Brasil, mereciam e merecem, sem dúvida, um número especial. Lembro que talvez tenha sido aqui, neste Programa de Pós-Graduação (PPGEDU/UFRGS), que os estudos de Foucault começaram – estou falando de Brasil, de Rio Grande do Sul. E, independente de uma data, é a presença de Foucault que nos interessa, e o fato de poder reunir textos de estudiosos nacionais e internacionais, que têm pensado sobre esse autor e sobre o quanto ele é rico, produtivo, instigador no pensamento educacional.

A idéia é esta: apresentar vários modos de tratar Foucault, de mostrar a multiplicidade do seu pensamento para além daqueles usos tão convencionais que se fazem; para além da redução do filósofo a frases feitas, como “em Foucault, tudo é poder”, “com Foucault, não há luz no fim do túnel”; “Foucault não nos deixa escapatórias”, e assim por diante; e para além da redução do autor apenas a algumas obras. No campo da educação, durante muito tempo, parece que Foucault só havia escrito *Vigiar e punir*. Enfim, um dossiê sobre Foucault pode mostrar esses “aléns”, mexer nisso, abrir essa mesmice tão antifoucaultiana...

Alfredo Veiga-Neto: Fico bastante satisfeito com a resposta que me dás. Pela resposta e pela possibilidade que ela abre para algumas considerações. De certa maneira, tu já disseste isso, mas eu quero sublinhar: a questão da celebração da vida. A morte pode ser uma data, ela tem uma data, mas a vida produtiva de um intelectual do porte de Foucault não. Eu já havia pensado nisso várias vezes. Não se trata de celebrar a morte, mas de celebrar a vida. E isso tem um tom nietzscheano. Um tipo de pensamento, acima de tudo, como era em Nietzsche e como era em Foucault, que revela, em algumas passagens, por mais áspero que às vezes pareça ser, um pensamento que é celebração à própria vida, uma celebração em favor da própria vida. Quando tu me convidaste para pensarmos neste número especial, convidarmos pessoas, selecionarmos textos, logo me lembrei que não se trata aqui de uma celebração religiosa. Acho muito interessante trazer o que Blandine Barret-Kriegel disse no Seminário que, em 1994, marcou os dez anos da morte de Foucault, em Paris: “Não somos guardiões do templo, pois aqui não há religião. O que nos move é apenas a vontade de saber”¹. Acho isso muito importante porque afasta do nosso interesse usar o pensamento de Foucault simplesmente porque ele possa estar em moda; nosso interesse – teu, meu, das pessoas que participam conosco deste dossiê – é usar Foucault, torcê-lo e retorcê-lo, se apoiar em Foucault. Eu acho isso muito importante: nos afastarmos daquela visão, daquelas frases esquemáticas e reveladoras de um mau pensamento, que dizem: “agora fulano está na moda”; ou: “o fulano agora saiu da moda”; ou, ainda: “agora não vale mais a pena ler este ou aquele autor”. Isso seria o mesmo que dizer: “agora não vale mais a pena ler Platão”, “não vale mais a pena ler Santo Agostinho”, “não vale mais a pena ler Kant”, porque agora estamos na Modernidade tardia ou na Pós-modernidade, de modo que vamos ler só aqueles que estão escrevendo hoje ou que escreveram e estão escrevendo para os dias de hoje”. Considero isso um equívoco intelectual grave, lamentável, esposado, às vezes, por parte de acadêmicos que vão em busca de autores “do dia”, para que esses autores funcionem como moedas fortes a favor daquilo que tais acadêmicos estão fazendo. Acho que não se trata de dizer que, passados vinte anos da morte de Foucault, seja cedo ou seja tarde. Acho que ele é um autor presente – assim como Spinoza é um autor presente; assim como Descartes é um autor presente. Devemos aproveitar de cada um deles aquilo que eles podem nos oferecer para pensarmos o mundo contemporâneo e aquilo que nos aflige hoje. Então, que “religião” e “moda” não nos movam!

Tu dizes que há várias maneiras de tratar um autor. Acho isso extremamente interessante. Isso é, digamos, absolutamente foucaultiano. Ou seja, ser foucaultiano é poder não seguir o autor, é se valer dele e deixá-lo para trás e ir adiante; ser foucaultiano é procurar novas alternativas possíveis a partir de seu pensamento. Nietzsche queria isso com sua obra, Heidegger queria isso com sua obra, Foucault queria isso com sua obra. Há aquela entrevista muito interessante em que Foucault pede para ser usado como fogos de artifício²: algo que

pode ser bonito, que pode dar alguma luz, mas que, depois de usado, não tem mais finalidade. Portanto, é como se ele dissesse: “sejam utilitários daquilo que estou fazendo”. Isso, portanto, nada tem a ver com religião nem com moda. Não se trata de seguir um guru. Portanto, é aquilo que eu gosto de dizer e que pode parecer paradoxal: ser foucaultiano é ser leal a Foucault, de modo que ser foucaultiano é não ser necessária e constantemente foucaultiano. O que implica não se prender demais ao autor.

Rosa Maria Bueno Fischer: Já fui chamada de “foucaultiana de plantão”. Num primeiro momento, achava lisonjeiro. Hoje, não. Eu não sou “foucaultiana de plantão”, não sou “foucaultiana de carteirinha”. Para mim, importa é que tenho nele um autor que me mobiliza muito, que me dá a pensar. O que acontece na minha experiência acadêmica, existencial e pessoal em relação a Foucault é que, cada vez que retomo livros dele para elaborar um texto, ou para preparar aulas, encontro ali ressonâncias novas. Esse é um autor que cintila, como os fogos de artifício de que falaste. Ele cintila. Cintila como cintilava, quando vivo. Deleuze lembra disso na conhecida entrevista³ a Claire Parnet, em 1986, contando que, por onde passava, Foucault marcava fortemente qualquer lugar, produzia efeitos nas pessoas, desassossego, eletricidade, era pura intensidade. O acontecimento que era seu corpo, que era sua presença, isso também encontramos em seus livros. Por exemplo: se hoje retomo textos como “Isso não é um cachimbo”⁴, leio e penso sobre aquela escrita, e as palavras de Foucault reverberam em mim como uma síntese das coisas mais importantes que escreveu, no caso, sobre a não correspondência entre palavras e coisas, sobre toda a crítica a respeito da representação. Uma crítica que tem ressonância quando nós nos pusemos a pensar como se constroem as narrativas do teatro, do cinema, da literatura contemporânea, plenamente exemplares quanto a essa não correspondência. São raros os autores que conseguem tão bem dizer isto, como Foucault. A meu ver, dois dos textos dele, dos mais brilhantes a respeito disso que falo, são “Isto não é um cachimbo”, sobre a pintura de Magritte, e o livro *O pensamento do exterior*⁵, sobre o escritor Blanchot. “Pintar não é afirmar”⁶ – ou seja, para Foucault Magritte pinta imagens sem uma referência direta a “coisas”, há uma total instabilidade aí, entre as palavras, as imagens e as coisas. E quanto a Blanchot, o que Foucault ressalta é uma linguagem livre dos mitos da “consciência das palavras, da eternidade dos sentidos. O que eu acho fundamental é essa riqueza, de uma rigorosa e extensa pesquisa, como a de *História da loucura*, que está igualmente em textos curtos como o citado “O que é um cachimbo”; está também nos escritos dele sobre a literatura, como os textos sobre George Bataille⁷. E está nesses textos todos não como mera repetição! Cada um desses escritos – sobre Bataille, Magritte, Velásquez, Blanchot – são impulsionadores de modos diferentes de algo semelhante, mas não da mesma coisa – porque afinal nunca se fala da *mesma* coisa. Isso é extremamente rico em Foucault. Digo

já que sou apaixonada pelo chamado “Foucault arqueólogo” – e depois podemos conversar mais sobre essas divisões que me perturbam um pouco, mas o fato é que elas existem, estão aí, são didáticas e muitos acabam utilizando em seus estudos, bem ou mal. O mais importante, acredito, é reafirmar aquilo que reverbera deste autor em mim, em nós, por ser um pensador que me dá muito, muito mesmo, a pensar.

Alfredo Veiga-Neto: Indo no mesmo sentido, acho sempre lamentável o uso do *slogan* e das frases classificatórias. O *slogan* muitas vezes funciona como uma síntese reducionista. Exemplos disso: em Foucault, é sempre um equívoco ancorar um estudo ou pretender dizer uma “verdade” a partir de um viés institucional: “É um estudo sobre a prisão? Então vamos usar *Vigiar e punir*”; “É um estudo sobre disciplina? Então vamos a Foucault”. Os *slogans* – tais como “Foucault não gosta do futuro” ou “Foucault é um niilista” – são, para dizer pouco, lamentáveis e injustos...

Rosa Maria Bueno Fischer: ...“Se é poder, é Foucault”...

Alfredo Veiga-Neto: Justamente! Como se Durkheim, Bourdieu e – para citar alguém mais afinado com a direita, Kenneth Galbraith – não tivessem escrito obras importantíssimas sobre o poder (ainda que nada ou quase nada tenham a ver com o poder em Foucault). Então, esse tipo de simplificação, de *slogan*, leva muitas vezes ou à aplicação mecânica ou ao afastamento imediato de Foucault. Leva a um afastamento automático: “Ele não trabalhou sobre alguma coisa, então nós também não vamos trabalhar”.

Rosa Maria Bueno Fischer: Ou seja, ele é descartado *in limine*.

Alfredo Veiga-Neto: Sim, descartado *a priori*. Ou, o que é também bastante ruim: ele é assumido *a priori*! Ou é um descarte ou é uma assunção; ambas prematuras e irracionais, baseadas em muitas coisas que nada têm a ver com o que ele fez ou com o que ele deixou de fazer. Bem, ainda nessa questão de falarmos um pouco sobre o autor, eu gosto de uma adjetivação que se costuma aplicar a Foucault. Trata-se de um adjetivo que foi grafado no necrológio que Bourdieu⁸ escreveu no dia seguinte à morte de Foucault, no *Le Monde*, em Paris: “morreu um intelectual *perverso*”. É muito interessante essa questão do *perverso*, do pervertido – aí pode estar sendo feita uma alusão também à vida dele, às suas escolhas sexuais. E pode ser pervertido no sentido daquele que perverte o pensamento, que coloca o próprio pensamento de cabeça para baixo. Foucault quase se divertia com isso. Enquanto todo mundo pensava que mais saber diminuiria as relações de poder, que de certa maneira o saber nos libertaria do poder, ele iria mostrar que ambos são inseparáveis. Quanto mais saberes nós

temos, mais nos potencializamos, mais nos “empoderamos”. Quando todo mundo dizia que o século XIX foi o século da repressão sexual ou da interdição sexual, Foucault dizia: “Foi no século XIX que mais se falou de sexo!”. Pervertido, então, também nesse sentido.

Rosa Maria Bueno Fischer: Quer dizer, ele inverte, subverte sempre...

Alfredo Veiga-Neto: Exatamente! E, com isso, ele se torna perverso também porque é um autor que se torna difícil a uma primeira leitura. Quem já assistiu às minhas aulas ou quem já me leu vai sentir que estou me repetindo, mas quero trazer alguns versos que o Caetano Veloso escreveu sobre a cidade de São Paulo e que acho perfeitamente aplicáveis a Foucault: “E foste um difícil começo / Afasto o que não conheço / E quem vem de outro sonho feliz de cidade / Aprende, depressa, a chamar-te realidade / Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”. Aí, alguém pode dizer: “Mas se são quatro avessos, ele volta ao ponto inicial e fica no mesmo lugar!”. Minha resposta é simples: não se trata do mesmo lugar simplesmente porque já se passou duas vezes pelo espelho...

Rosa Maria Bueno Fischer: É a questão do retorno, que nunca é mais o mesmo.

Alfredo Veiga-Neto: Sim! O avesso do avesso do avesso do avesso é outra coisa! Depois de passar pelos avessos, volta-se diferente... Como a metáfora do rio. Enfim, o que Foucault faz é esse jogo entre Heráclito e Parmênides – ele que era um grande erudito em Filosofia, que conhecia tão bem os pré-socráticos. É isso que acho muito interessante: esse gosto de Foucault, e daqueles que gostam de trabalhar com ele, de buscar o avesso do avesso do avesso do avesso.

Rosa Maria Bueno Fischer: Exatamente por isso acho um crime – para ficar no tema das prisões... – cair em reducionismos. Claro, muitos autores são reduzidos “a”. Bourdieu foi um autor bastante reduzido “a”, aplicado de um jeito extremamente limitado. Quanto mais um autor é subversivo ou “pervertido” (intelectual ou filosoficamente), mais me parece criminoso ou triste que ele seja – numa dissertação de mestrado, numa tese de doutorado ou numa pesquisa qualquer – tão pouco lido nessa complexidade imensa que é seu pensamento.

Alfredo Veiga-Neto: Falando um pouco sobre esse movimento: tu jamais vais encontrar numa palavra ou num conceito – seja nos diferentes momentos e nos diferentes domínios em que Foucault se desenvolve (ser-saber, ser-poder, ser-consigo) – alguma estabilidade. Foucault não tem esses conceitos amarrados. Ele não é um estruturalista na forma de pensar.

Rosa Maria Bueno Fischer: Embora tenha nascido e desenvolvido seu pensamento no auge do estruturalismo francês, e tenha sido classificado como tal na fase inicial de suas pesquisas, Foucault jamais se enquadrou ou quis ser enquadrado como estruturalista.

Alfredo Veiga-Neto: Aliás, sobre o estruturalismo, Foucault tem várias passagens interessantes, uma delas explicitamente em relação a Piaget, por este ter dito que ele era estruturalista. Como quando ele diz: “Eu acuso de mentir pessoas como Piaget que dizem que eu sou um estruturalista. Piaget não pode ter dito isso a não ser por engano ou por estupidez⁹”. É preciso frisar: Foucault não pensava como um estruturalista.

Rosa Maria Bueno Fischer: Há cinco anos, fui convidada para falar sobre Foucault num curso chamado “Dos estruturalismos”¹⁰. Então, fiz um levantamento amplo – nos *Ditos & escritos* e em vários trechos da sua obra – sobre essa questão. Não se tratava só de não querer a classificação de estruturalista; Foucault abominava ser etiquetado, formatado, reduzido a frases ou a qualquer coisa que seja. Foucault foi o intelectual mais avesso a etiquetas, o intelectual que jamais quis ficar num único e definido lugar: foi, em suma, um desviante, como todos aqueles desviantes sobre os quais, enfim, se pôs a estudar. No célebre prefácio à edição inglesa de *As palavras e as coisas*, ele respondeu maravilhosamente aos que insistiam em chamá-lo de estruturalista: chamou-os de espíritos estreitos, rejeitou a etiqueta – pomposa, mas inadequada, segundo ele –, mas fez questão de dizer que seus escritos nem seu pensamento obviamente não existiam isolados, independentes do seu tempo¹¹.

Alfredo Veiga-Neto: Há também uma passagem em que Foucault comenta que ele não quer ter uma identidade como autor. Ou seja, ele não tem um nome ligado a um “ismo”. Um “ismo” como se fosse uma pasta num arquivo de computador, que tu abres e dizes: “Ali estão eles!”. Há uma passagem em que o filósofo diz: “Eu não vejo quem possa ser mais antiestruturalista que eu!”¹². Não é que ele quisesse dizer: “Eu não sou estruturalista. Logo, eu sou pós-estruturalista”. O que ele não queria era ocupar um lugar. Na Introdução da *Arqueologia do saber*, existe uma passagem que eu acho muito bonita e que diz assim: “não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo”¹³. Parece que escreveu isso para a Simone de Beauvoir e para o Sartre, com os quais ele tinha se desentendido.

Rosa Maria Bueno Fischer: Pensando na Revista, nos leitores, nos mestrandos, nos doutorandos, como é importante isso: a abertura para os autores, e a abertura que Foucault tinha em relação a si mesmo, ao próprio pensamento.

Alfredo Veiga-Neto: À mobilidade...

Rosa Maria Bueno Fischer: À mobilidade! Não à falta de rigor – porque isso é outra coisa. O que Foucault tinha de aberto e de móvel em relação ao próprio pensamento, tinha de rigoroso na pesquisa.

Alfredo Veiga-Neto: Vamos ampliar um pouco essa questão do rigor. Nunca se pode ser exato, preciso; mas sempre se pode – e se deve... – ser rigoroso; e essas são coisas bem diferentes. A busca da exatidão – cuja proveniência podemos buscar nas mesmas raízes medievais e renascentistas da Ciência moderna – assume não-problematicamente que é possível a clareza plena, que é possível dizer, ao fim e ao cabo, tudo sobre alguma coisa, que é possível chegar a um conceito acabado ou a uma medida precisa. Em outras palavras, a exatidão e a clareza absoluta seriam atributos alcançáveis, tudo dependendo da nossa competência. A própria Filosofia já demonstrou que isso não passa de uma ilusão, o que deixa muitas pessoas um tanto perturbadas e até mesmo revoltadas... E isso vale para qualquer campo do conhecimento – das Ciências à Literatura, das Artes à Filosofia, da Matemática à Linguagem.

Assim, não temos como ser exatos com nenhum autor, com nenhuma teoria. Mas devemos ter rigor. Uma coisa que às vezes me irrita é o que alguns fazem com Nietzsche. Trago Nietzsche para essa discussão na medida em que esse filósofo, talvez mais do que ninguém, nos convida a retorcer o seu próprio pensamento e nos leva a dizer coisas diferentes do senso comum, a pensar de maneiras diferentes do que até então se pensava. A partir daí, alguns deduzem (erradamente) que se pode dizer qualquer coisa a partir de Nietzsche. É claro que cada um deve ser livre para dizer qualquer coisa, mas corre o risco de dizer sandices, cometer enganos; pode acabar dizendo coisas que nada têm a ver com Nietzsche, que nunca passariam pela cabeça nem de Nietzsche nem de alguém que conhece Nietzsche. Mesmo quando se pensa a marteladas, isso tem de ser feito de modo rigoroso.

Nunca será possível ser exato com Foucault; mas levar longe demais o seu pensamento é – no mínimo... – falta de rigor. Enfim: é preciso saber bem a diferença entre rigor e exatidão...

Rosa Maria Bueno Fischer: Acho interessante pensar a partir da obra de Foucault, ler e reler este autor, para além de frases feitas, dos ditos dele que acabaram transformando-se em *slogans*, como “onde há poder, há resistência”, “só se exerce poder sobre homens livres”, “o discurso forma os objetos dos quais fala”, etc. Pois exatamente o convite que Deleuze faz, a partir de Foucault, é o de “rachar” as palavras. Então, para mim se trata de abrir, rachar os “achados” maravilhosos de Foucault, sem essa pressa em aplicá-los imediatamente a um trabalho muitas vezes sem qualquer lastro rigoroso de pesquisa, teórica ou

empírica. Toda a experiência que temos lendo a obra de Foucault é de um rigor e de uma entrega aos documentos – tratava-se para ele de transformar os documentos em monumentos, aliás, uma frase também repetida *ad nauseam*. Alguém escolhe meia dúzia de manuais sobre qualquer tema e se propõe: “Vou transformar esses manuais em monumentos”. Acho que estamos perdendo um pouco a vergonha. Estamos perdendo um pouco a vergonha no sentido de “vou fazer tudo o que eu quero com tal autor, com tal tema. E ponto”. Há uma certa irresponsabilidade que pode, por um lado, ser vista como criação, como invenção, mas que pode também estar relacionada a evitar o suor, a transpiração da pesquisa – que são fundamentais se quisermos fazer algo parecido com, efetivamente, transformar documentos em monumentos.

Alfredo Veiga-Neto: Reduccionismos como esses levam a coisas mecânicas, forçadas, postiças.

Rosa Maria Bueno Fischer: Concordo. E gostaria agora de relacionar o que vimos até aqui, com nossas histórias, na companhia de Foucault. Quando tu começaste, quando tu descobriste Foucault, o que te impulsionou mais, o que te movimentou mais nas primeiras leituras? Enfim, o que te levou a fazer uma tese fundamentada nesse autor?

Alfredo Veiga-Neto: Minha tese de doutorado¹⁴ foi praticamente toda fundamentada em Foucault. Em Foucault e em outros que também se fundamentam nele. Não gosto muito do adjetivo “foucaultiano”, porque pode parecer que se é “de carteirinha”. Não se trata disso. Trata-se daquilo que eu chamei de lealdade a Foucault, que, nesse caso, se manifesta como uma “fidelidade infiel”: somos fiéis, mas se for preciso deixando o filósofo para trás, usando-o como uma caixa de ferramentas – uma expressão que Foucault usava muito. Temos aí a questão nietzscheana do martelo, ou seja, a filosofia ou a prática do pensamento a marteladas. Bem, na década de 80, eu estava me decidindo: eu tinha estudado Kuhn e o campo científico, um pouco influenciado pelo Thomas Kesselring – o conhecido filósofo suíço que estava aqui no Brasil e com quem eu fazia alguns cursos (sobre Piaget e, principalmente, Kuhn e Feyerabend). Eu também estava assistindo a alguns seminários no Instituto de Filosofia da UFRGS, com o Ernildo Stein, Victorio Hüsle, Cirne e Lima etc. Por causa disso tudo, enveredei um pouco pela Filosofia, buscando aproximações entre a Paradigmatologia de Kuhn e a Sociologia de Bourdieu, e as suas teorizações acerca do poder.

Rosa Maria Bueno Fischer: Chegaste até a fazer um paralelo entre Bourdieu e Kuhn.

Alfredo Veiga-Neto: De fato, publiquei dois artigos¹⁵ nos quais discuti as aproximações entre Kuhn e Bourdieu e as diferenças de um em relação ao outro;

tudo isso para entender um pouco mais refinadamente o campo científico. Isso, então, era um pouco Epistemologia, Sociologia do Currículo, Sociologia da Ciência e Sociologia da Educação Científica. E por aí eu cheguei às questões do poder, o que de certa maneira me levou de volta a *Vigiar e punir*, uma obra que eu já tinha lido alguns anos antes, mas de uma maneira mais (digamos) rápida e quase literária...

Rosa Maria Bueno Fischer: Mas é uma obra literária, não é?

Alfredo Veiga-Neto: Uma obra literária, sem dúvida! Aliás, uma obra que desde o início prende a leitura da gente – depois, eu gostaria de falar um pouco sobre Foucault e a Literatura e, portanto, voltar a essa questão. Então, vi que, com Foucault, eu teria elementos mais refinados, mais finos, mais microscópicos e mais produtivos para estudar o poder, as relações de poder em Educação. Isso significava uma inversão paradigmática – uma “conversão”, para usar a expressão do próprio Kuhn... Passei por isso há mais de quinze anos. Em suma: fiz o que seria uma conversão paradigmática e comecei a estudar Foucault. No momento – tu sabes disso, pois entramos juntos no doutorado – eu me atirei a estudar Foucault. Porém, bem no início não me aventurava a “trabalhar” com ele, pois achava que isso poderia ser muito difícil. Até mesmo o acesso às obras de Foucault era bem mais complicado do que hoje. O que naquela época estava disponível por aqui era muito pouca coisa.

Rosa Maria Bueno Fischer: *Vigiar e punir*, *Microfísica do poder*, ...

Alfredo Veiga-Neto: *As palavras e as coisas*, *História da loucura*... Nós tínhamos que estudar muita coisa no francês original, em espanhol, eventualmente em inglês. Mas o problema maior era sempre ter acesso aos livros estrangeiros. Depois, eu li Alan Sheridan, que o Tomaz [Silva] sugeriu e o Nilton [Fischer] me emprestou¹⁶. Aqui entre nós ainda não se tinha algo, digamos assim, minimamente sistematizado. Não que a gente possa sistematizar agora, mas faltava algo que nos dissesse: “Olha, vai por aqui, vai por ali...”.

Nesse momento, início da década de 90, eu conheci o Roberto Machado. Ele tinha vindo para uma conferência aqui em Porto Alegre e eu procurei por ele. O Roberto foi muito cortês comigo, me deu algumas dicas e depois passamos a nos corresponder. Nessa época, nem mesmo havia Internet... A gente trocava bilhetes pelo correio comum. Fizemos uma sólida amizade, de nos visitarmos, de viajarmos juntos (isso ainda na década de 90). Assisti a dois cursos que ele ministrou: um, sobre a arqueologia; o outro, sobre a genealogia. Então, foi por aí que entrei e me senti realmente “em casa” lendo Foucault, vendo o quanto ele era produtivo e o quanto eu tinha ainda que estudar dele, de toda sua produção. Foi, enfim, uma história bem tortuosa, que passa por Kuhn, Bourdieu, Bernstein, todos eles tipicamente estruturalistas, até me encontrar com Foucault no início

do meu doutorado. Fiz o que pude fazer naquele momento. Não escreveria uma série de coisas que escrevi, mas é assim mesmo. Nosso pensamento é móvel.

Rosa Maria Bueno Fischer: Pois eu tive acesso a Foucault na década de 70, pela *Ordem do discurso* (em francês, obviamente). Era uma edição da Gallimard, de 1971, aliás, do professor Dinarte Belato, da Unijuí. Eu trabalhava lá, e fazia um curso de especialização em Filosofia da Linguagem. Aquele pessoal era mesmo de vanguarda. Eles estavam traduzindo Foucault em 1975. Fiquei absolutamente fascinada. Claro que aí é interessante pensar o Foucault *nos* anos 70; no Brasil, como em outros países da América Latina, vivíamos toda a história de repressão militar, e então encontrávamos um autor que dizia em minúcias que o discurso é controlado, que há *perigo nas palavras*. Além de professora, eu era jornalista. Lidava diretamente com o perigo das palavras. Escrevia textos para o jornal *Movimento*, um jornal de vanguarda, de oposição, onde aliás tive artigos meus censurados, não pelo jornal, mas pela repressão oficial, enfim... No meio disso, um curso de Filosofia da Linguagem e a descoberta de Michel Foucault, que nos dizia algo tão próprio sobre aquele tempo, que a sociedade controla os discursos das mais diferentes maneiras, que há perigo permanente naquilo que se diz ou que pode ser dito¹⁷. Daí os comentários, as exegeses, as tantas formas de cercar os discursos...

Alfredo Veiga-Neto: ... todas as formas, internas e externas, de sinalizar, de deixar as coisas serem ditas. Ou, então, o fato de que as coisas podem ser ditas, mas não são ouvidas, não são escutadas quando ditas fora de uma ordem. Ou tu te colocas na ordem, ou tu não és escutada.

Rosa Maria Bueno Fischer: Exato. Eu estava muito preocupada com a educação, embora fosse da área das letras e do jornalismo. Já era professora na universidade, isso em 75. E, confesso, me apaixonei. *A ordem do discurso* era um livrinho, pequeno, que fervia nas minhas mãos. Eu tremia com aquilo, porque encontrava, naquele momento, uma resposta ou algo assim: “Esse cara me entende! Esse cara entende o nosso tempo! Esse cara entende a repressão militar! Ele entende como é que se põe ordem nas coisas, num país, nesse momento”. É incrível, pois esse mesmo texto hoje me diz outras coisas. Penso que hoje esse texto – como tantos outros de Foucault – se multiplica para mim. O próprio Foucault escreve sobre isso: pensar é multiplicar o próprio sujeito, é multiplicar o próprio discurso. Fazer a análise do discurso é multiplicar o próprio discurso. Trata-se de vê-lo em sua complexidade. Depois, em 77, eu li *As palavras e as coisas*, com uma professora de filosofia, no Rio de Janeiro, quando fazia o mestrado. Viemos de Platão a Michel Foucault e, ao ler *As palavras e as coisas*, me envolvi mais uma vez, agora com todas aquelas discussões sobre as classificações, as taxonomias (na gramática, na economia e na biologia). Ao fazer meu

doutorado aqui na UFRGS, encontrei a professora Céli Regina Jardim Pinto, há pouco chegada de seu doutoramento na Inglaterra, feito com Ernesto Laclau, e com ela estudei a *A arqueologia do saber*. Fiz minha tese sobre mídia e adolescência fundamentada em Foucault, especialmente a partir do tema dos modos de subjetivação, do problema das “relações consigo”¹⁸. Desde então não parei mais de ler Foucault. É incrível como para mim esse autor é tão presente ainda. Desde 75. Ou seja, são quase 30 anos. Para mim, não há texto que fique velho, aliás, não há autor que fique velho. Claro, há autores e explicações que já não dão conta dos problemas que nos colocamos hoje – mas isso é outra coisa.

Alfredo Veiga-Neto: Ou seja, trata-se de saber aquilo que podemos aproveitar e aquilo que podemos descartar, deixar passar ou deixar de lado.

Rosa Maria Bueno Fischer: E não ter medo disso!

Alfredo Veiga-Neto: De certa maneira, trata-se de um uso interessado e, se quisermos, um uso até mesmo um tanto “interesseiro”. Nós não temos que ter muito medo disso. Usar Foucault é afastar a ortodoxia da coisa. “Isso aqui interessa”, então nós vamos desenvolver. “Isso que ele disse, isso não interessa, não se aplica, não é o caso hoje”. Então, vamos deixar de lado. Mas, claro, isso deve ser feito com engenho e arte. Porque se não for assim, fica ruim; se não for assim, fica simplesmente utilitário, simplificado.

Tu falaste que te interessas muito pela arqueologia, pela *Arqueologia do saber*. Acho que tu tens conseguido, pelo que leio de ti e de pessoas que tu orientas, tirar muito proveito, no campo da educação, desse Foucault do domínio do ser-saber. Eu, por exemplo, não sei fazer isso bem. Confesso: não me interessa muito por isso. Acho muito produtivo o segundo domínio, que é o do ser-poder; é, digamos assim, o domínio do “método” genealógico. Aquilo que, forçando e simplificando eu chamo de “Foucault 2 e meio”. É o Foucault que transita entre o biopoder e a governamentalidade. Especialmente, o Foucault do fim dos cursos *Os anormais* e *Em defesa da sociedade*. Daí para adiante até o “Foucault da ética” – com a *História da sexualidade* – acho que é muito produtivo para mim, na minha leitura, nas coisas que eu vejo, nas coisas que eu tenho procurado fazer. O Foucault do *Vigiar e punir*, do primeiro volume da *História da sexualidade* e de *A verdade e as formas jurídicas* – as famosas conferências do Rio de Janeiro, especialmente a quarta e a quinta conferências – é muito útil para pensarmos o mundo de hoje. E é justamente aquilo que Deleuze tomou de Foucault, quando sugere a passagem de uma ênfase nas disciplinas para uma ênfase no controle, na atualidade¹⁹. Não que a sociedade não seja mais disciplinar; mas se a ênfase estava nas disciplinas, a ênfase agora se deslocou para o controle. Como sabemos, Deleuze pega essa idéia e a leva adiante. Esse é o Foucault que mais me interessa: do governo, dos dispositivos, talvez das

máquinas de controle de hoje, talvez do pós-panoptismo – alguns falam em panpanoptismo, hiperpanoptismo, já que nos dias de hoje todos somos espetáculo de alguma coisa, mantidos sob um controle permanente em nossas vidas, um controle que não é só visual mas também de registros, acompanhamentos e vigilâncias digitais. Isso tudo me parece muito interessante porque mostra um outro tipo de produtividade de Foucault, para o campo da educação. Não estou dizendo que esse é o domínio mais produtivo, mas sim que é aquele de que eu mais gosto. Há outros que podem pensar mais na ética, no domínio do ser-si, do ser-consigo, do cuidado de si – e a educação tem tudo a ver também com esse terceiro domínio. Em outras palavras: o primeiro, o segundo e o terceiro domínios têm tudo a ver com educação.

Rosa Maria Bueno Fischer: Tu te referiste ao fato de eu ter utilizado, ter gostado e tirado muito proveito da questão arqueológica para os meus trabalhos de análise da cultura, particularmente da mídia e da cultura juvenil. Acho que minhas experiências com o jornalismo, com a palavra, com a linguagem, com as letras, com a literatura, enfim, têm muito a ver com isso e também com uma crítica que me acompanha. Tenho um certo problema com as análises das representações. Mais do que isso, com as análises de conteúdo em relação às imagens, em relação às palavras, em relação aos discursos. Encontrei em Foucault alguma coisa *muito mais* rica, *muito mais* densa. E tenho tentando, como professora, como orientadora, passar adiante isso; jogar essa seta para ela dar frutos por aí, apontar para outras coisas. Isso porque penso que muitas das análises das representações e muitas das análises de conteúdo – a psicologia, particularmente, trabalha com isso – acabam seccionando o objeto empírico de tal forma que se pesquisa, por exemplo: “as representações do índio na mídia”, “as representações da mulher negra no espaço X”, ou então “o conteúdo das falas das prostitutas da região tal de Porto Alegre”. Ora, meu questionamento é que, em muitos casos, o ponto de chegada já existe na partida. Por quê? Porque se parte de alguns pressupostos, por exemplo, sobre a mulher negra na mídia, que afirmam que ela é sub-representada. Logo adiante vêm os dados empíricos, para comprovar: vejam, na TV, ela é sempre empregada doméstica. Mas o que mais? Será que não falta algo aí, em termos teóricos, metodológicos?

Alfredo Veiga-Neto: Tu falas do fato de alguém organizar seu material, constituir o *corpus* de análise dirigido, de antemão, necessariamente, para uma confirmação de algo que já se sabia. Acontecia uma coisa parecida no tempo em que se estudava o currículo oculto. Sabia-se de antemão o que era o currículo oculto. Para fazer uma pesquisa sobre currículo oculto, então, era comum desenvolver uma etnografia da sala de aula, para dizer onde estava o currículo oculto. E isso era considerado uma “grande” pesquisa... E não é!

Rosa Maria Bueno Fischer: Por isso é que, na *A arqueologia do saber* (e não é só na *Arqueologia*, mas sobretudo nessa obra), Foucault explicita que a análise dos enunciados é algo que não tem *nada* a ver com a análise das representações, muito menos com o que se chama de análise de conteúdo. Acho, cada vez mais, que há muitas coisas a pensar sobre isso. Essa crítica é possível fazer a partir de Foucault. Aliás, menos a crítica e mais a invenção de possibilidades de análise das imagens, dos textos, enfim, dos ditos, de entrevistas, de documentos, etc; invenções e criações que dêem conta de discursos e não de coisas ditas isoladamente, da enunciação limitada àquele lugar, àquele espaço, que o pesquisador junta com uma outra enunciação e explica, quase de forma simplista. Mesmo que se use aí um referencial teórico, às vezes até bem fundamentado, esse modo de trabalhar parece não dar conta da complexidade dos tantos visíveis e enunciáveis daquela questão. Visível e enunciável: possibilidade de ser visto, possibilidade de ser enunciado. Isso é apaixonante. Tenho feito ensaios a partir dessa perspectiva e não consigo separar tais questões do problema do poder – até porque não há como falar no visível e no enunciável em Foucault sem falar nas relações de poder, e sem falar naquilo que se produz no sujeito, como efeito de verdade. Foucault para mim é um imenso mar aberto.

Alfredo Veiga-Neto: Tu podes entrar nesse mar navegando pelas ondas do ser-saber, enquanto que eu entro nesse mar navegando pelas ondas do ser-poder.

Rosa Maria Bueno Fischer: Certamente! Minha porta de entrada é o ser-saber e, por ela, me encaminho também para os modos de subjetivação, para os efeitos de verdade do sujeito e no sujeito. Minha porta de entrada é: como tal coisa pode ou pôde ser dita neste momento, neste lugar, e não outra. Acho complicado isolar esses domínios todos...

Alfredo Veiga-Neto: Como se fosse ser possível chegar ao terceiro domínio, do ser-consigo, sem saber o que é um enunciado, sem pensar em relações de poder... Todas essas questões estão mesmo imbricadas, articuladas.

Rosa Maria Bueno Fischer: Se tu vais falar em cuidado de si ou nas técnicas de si, nas tecnologias do eu, estás tratando do problema dos discursos...

Alfredo Veiga-Neto: Exato! O narrar-se é discursivo. Mas, uma das coisas que falaste foi sobre as formas de escrita, ou do Foucault da literatura ou o Foucault literário. Acho importante registrar essa questão. A leitura de Foucault parece quase que como um romance. *Vigiar e punir*, por exemplo, como mencionamos antes.

Rosa Maria Bueno Fischer: Ele mesmo diz: “eu não fiz senão ficções”²⁰.

Alfredo Veiga-Neto: Então, essa questão do Foucault literário é muito interessante. Vemos também um Foucault técnico, pesquisador, minucioso e que é fortemente racionalista. Nesse ponto, quero defender a posição de que Foucault é um analítico, de que se trata de um pensamento analítico. É claro que isso não implica colocá-lo na categoria que os acadêmicos costumam designar como Filosofia Analítica...

Rosa Maria Bueno Fischer: Sim, isso acontece, por exemplo, ao se colocar questões como: quem fala? De que lugar aquela pessoa fala? Como pôde falar aquilo naquele lugar?

Alfredo Veiga-Neto: Sim. E ele vai rastreando isso; vai dentro, fazendo a história dessas coisas. Os cursos dele, nesse sentido, são muito úteis. Acho que *As palavras e as coisas*, os cursos e, depois, a *História da sexualidade* são exemplares em algumas dessas coisas que puderam ser faladas e que são ricas nessas qualidades. Esse eu acho que é o Foucault mais evidente. Mas existe um Foucault literário, que se movimenta com um estilo muito próprio e com uma picardia incrível...

Rosa Maria Bueno Fischer: E que nos brinda com expressões belas, por vezes incompreensíveis à primeira vista, mas belas. Digo para os meus alunos: “Essa frase aqui, bem, eu posso não estar entendendo direito, mas olhem só, ela é linda!”. Estou me referindo explicitamente ao texto que citei antes, exemplar nesse sentido: *O pensamento do exterior*, sobre a obra de George Bataille; em cada parágrafo, tu pensas que é ficção ou um trecho, quem sabe, ao modo de Clarice Lispector. São passagens absurdamente bonitas. E é esse mesmo autor que escreve *História da loucura*, *Vigiar e punir*, com todas as minúcias da investigação, e num rigor inigualável...

Alfredo Veiga-Neto: ... com todas as minúcias dos arquivos que ele encontrou, empoeirados. Esse lado minucioso de Foucault só foi possível porque – e os biógrafos são bastante claros nesse sentido – ele era um obsessivo. Trabalhava em jornadas de, às vezes, vinte horas por dia, afundado em arquivos e documentos antigos, em registros e atas de 300, 400 anos atrás; quer dizer, coisas esquecidas, coisas, de certa maneira, “infames”, no sentido de sem fama. É bastante interessante o rigor e o suor. Portanto, me irritam certas aproximações a Foucault que sejam pouco rigorosas e pouco trabalhadas. Como se fosse possível “sentir Foucault pela pele”; ou como se fosse possível fazer uma simples montagem a partir de textos do filósofo – um (hoje tão facilitado) recorta-e-cola de retirar um pedacinho bonitinho daqui e colocar ali adiante, ou citar uma

frase de Foucault a fim de conseguir algum efeito pretensamente literário. Essas coisas me deixam irritado. Não que a gente seja guardião do bom uso; longe disso! Mas acho que tais usos de Foucault minoram e desprestigiam a obra dele. Afinal, ele – que passou horas e horas, infinitas horas, pesquisando em arquivos e bibliotecas de Paris, da Suécia, da Alemanha, registrando, comparando, escrevendo, pensando – não merece ser usado como simples moeda forte para trocas simbólicas no mundo da academia, ou como suporte a um tipo de sub-literatura cada vez mais comum no campo da Educação...

Edward Said, num livro recentemente traduzido no Brasil²¹, narra uma reunião que teve com Sartre e outros intelectuais, sobre a questão palestina e a questão judaica, nos fim dos anos 70. Esse encontro – quase clandestino – foi no apartamento de Foucault, em Paris. Said conta que Foucault não quis participar da reunião porque não queria se envolver nesse tipo de discussão e nem admitia se afastar de suas jornadas de trabalho. Foucault saía muito cedo de casa e voltava tarde da noite; ia para a Biblioteca Nacional e lá passava o dia, às vezes sem almoçar. Seus biógrafos também contam que ele costumava passar dias, às vezes muitos dias, atrás de *um* documento. Acho que tudo isso serve de exemplo para nós, que pesquisamos e orientamos jovens pesquisadores. Ou seja, se a gente pode aprender um pouco com as histórias dos outros, que tais histórias sirvam um pouco de exemplo. O quanto existe de inteligência, de criatividade, de talento e de suor no trabalho intelectual...

Rosa Maria Bueno Fischer: Claro! Escrever aquelas belas palavras, que há pouco eu mencionei, sobre Bataille ou então sobre Magritte e Blanchot, tornou-se possível por um acúmulo de leitura, resultado de muito trabalho. Está bem, nosso tempo hoje é um tempo completamente diferente; nossas condições de produção de escrita são diferentes; as demandas são outras; as condições dos nossos alunos de mestrado e doutorado são bem peculiares; e as condições históricas, idem! E, bom, não somos Foucault... Mas, por outro lado, temos uma quantidade imensa de material à nossa disposição – e disponível rapidamente pela Internet. Podemos ficar infinitas horas em bibliotecas, podendo consultar uma quantidade inimaginável de documentos – e elas estão todas informatizadas. Mas quero chamar a atenção para o seguinte, mais uma vez: nós nos deleitamos com o Foucault literário, gostamos dos grandes achados dele, porém esquecemos que houve ali um árduo trabalho, erudição, estudo mesmo, de verdade. Esquecer isso nos leva a deixar para trás uma rara oportunidade, o grande prazer de, quem sabe?, encontrar dados preciosos e, mais do que isso, poder pensar e escrever sobre eles. É como se não conseguíssemos nos convencer de que, se nos esforçamos, se nos entregamos a uma pesquisa minuciosa, possivelmente daremos chance a nós mesmos de inventar, de criar e de dizer outras coisas sobre a escola, sobre o aluno, sobre o ensino de matemática, a mídia, etc. Repito: o Foucault literário é o Foucault que suou muito também, que trabalhou e estudou muito.

Agora, gostaria de levantar uma última questão, que tem sido um problema para muitos de nós, e que trata da relação entre o discursivo e o não-discursivo em Foucault. O que poderíamos dizer ainda sobre isso? Há um texto brilhante do Paul Veyne²², “Foucault revoluciona a história”, que, para mim, tem sido um texto básico, indispensável no momento de orientar pesquisas. Como historiador da Grécia e da Roma antigas, Paul Veyne toma Foucault e diz: “ele revoluciona a história”. Por quê? Porque, em Foucault, “tudo é prática”. Eu penso que isso é revolucionário também na pesquisa, seja ela em qualquer campo de saber. Se pensarmos que tudo é prática, não há separação entre o dito e o feito, pois o dito é uma prática e o feito é uma prática também! Nós sempre fazemos (ou precisaríamos fazer), de alguma forma, pesquisa histórica – embora, claro, o campo específico da história tenha seus métodos, seus ritos, enfim... Mas, penso que a gente sempre poderá fazer, de algum jeito, pesquisas históricas, no sentido foucaultiano, partindo de que o dito e o feito são radicalmente históricos, são práticas em que um constitui o outro, simultaneamente (o dizer e o fazer, o fazer e o dizer).

Alfredo Veiga-Neto: Acho importante citar Deleuze aqui, para lembrar o quanto ele e Foucault se afastaram da tradição platônica, não assumindo a transcendência e a Doutrina dos Dois Mundos, segundo a qual viveríamos num mundo sensível comandado por mundo inteligível. Isso me faz lembrar de Richard Rorty, para quem “não há ganchos no céu”, isso é, não há como ficarmos pendurados numa suposta transcendência, nos apegarmos a ela para fixarmos um *a priori*, um ponto de partida a partir do qual poderíamos olhar, descrever e decifrar o mundo. Tal entendimento é radicalmente não-histórico. Nunca é demais lembrar que Foucault – assim como Deleuze, Nietzsche, Rorty e tantos outros – tem um entendimento que vai num sentido diferente. Para ele e esses outros, tudo é radicalmente histórico. O *a priori* histórico é isso: tudo se dá no desenrolar da história e por isso o nosso pensamento, e aquilo que nós dizemos sobre as coisas, não tiveram uma origem no pensamento, mas no acontecimento, de modo que tudo o que pensamos e dizemos é da ordem da imanência e não da ordem de uma suposta transcendência. Se é da ordem da imanência, então é da ordem da contingência, de modo que tudo pode mudar no desenrolar da história.

Tal entendimento radicalmente histórico implica um tipo de fazer histórico, de narrar e compreender a história, que se convencionou adjetivar de genealógico. Alguns falam em método genealógico. Trata-se de uma história que se preocupa em descrever e compreender a gênese, enquanto proveniência e emergência – seja de um conceito, de uma prática, de uma idéia –, e não propriamente em encontrar uma origem fundacional, um suposto ponto inicial de tal conceito, prática ou idéia. Já se tornou quase um lugar-comum dizer que a história genealógica não parte do presente para buscar o passado, mas vai ao passado atrás das condições de possibilidade que levaram a se ter o que hoje se

tem no presente. É por isso que Foucault dizia que a sua era uma história do presente. No campo da pesquisa e da militância educacional isso é da maior importância; nos mostra que essa ou aquela prática, esse ou aquele conceito, essa ou aquela verdade nem sempre foram assim, mas foram inventadas um dia. E, se foram inventadas, então podemos inventar coisas novas, buscar novas alternativas para aquilo que não mais queremos.

Rosa Maria Bueno Fischer: Trata-se de um pensamento revolucionário, contra o conservadorismo de dizer: “sempre foi assim”. Acho que o pensamento foucaultiano se afasta radicalmente dessa pobreza do “sempre foi assim”...

Alfredo Veiga-Neto: ... ou de que é “uma coisa humana”, é da “natureza humana”, é o “motor da história”...

Rosa Maria Bueno Fischer: Lembro dos estudos que pretendem, por exemplo, mostrar “a mulher através dos tempos”, “a escola através dos tempos” ou ainda aqueles que se propõem a achar os começos, “lá onde tudo teve início”. Foucault trabalha com as irrupções, com as descontinuidades! Ora, nosso próprio texto pode começar por uma irrupção, nossas pesquisas podem fazer-se irrupção, falando de descontinuidades históricas, de urgências e emergências de determinados objetos. Nesse sentido, Foucault (e os outros autores que tu acabaste de citar), revoluciona mesmo a história.

Alfredo Veiga-Neto: Por isso, exatamente, ele “revoluciona a história”.

Notas

1. BARRET-KRIEGLER, Blandine. Michel Foucault y el Estado de policía. In: BALBIER, E. et alii. *Michel Foucault: filósofo*. Barcelona: Edisa, 1990, p.186-192.
2. A referida entrevista, intitulada “Diálogo sobre o poder”, foi publicada em FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos – Estratégia, poder-saber*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 253-266.
3. A referida entrevista, intitulada “Um retrato de Foucault”, foi publicada em DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 127-147.
4. FOUCAULT, Michel. Isso não é um cachimbo. In: _____. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos & escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 247-263.
5. FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior*. São Paulo: Princípio, 1990.
6. FOUCAULT, Michel, 2001, op. cit., p. 263.
7. FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: _____. *Estética : literatura e pintura, música e cinema*. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 28-46.

8. BOURDIEU, Pierre. Le plaisir de savoir (hommage posthume à Michel Foucault). In: *Le Monde*, 27 jun.1984.
9. Alfredo Veiga-Neto refere-se à seguinte frase de Foucault: “Eu acuso explicitamente de mentir, e de mentir desavergonhadamente, pessoas como Piaget que dizem que eu sou um estruturalista. Piaget não pode tê-lo dito senão por engano ou por estupidez: eu deixo a ele a escolha” (FOUCAULT, Michel. Le savoir comme crime. In: _____. *Dits et écrits*. Vol. III. Paris: Gallimard, 1994, p. 89).
10. O curso ocorreu como atividade do seminário “A Antropoética de Lévi-Strauss”, promovido pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e Casa de Cultura Guimarães Rosa, em 1999.
11. FOUCAULT, Michel. Prefácio à edição inglesa. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Ditos & Escritos II. Rio de Janeiro: Forense, 2000, p. 182-188.
12. FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 5.
13. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987, p. 20.
14. VEIGA-NETO, Alfredo. *A ordem das disciplinas*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS. Tese de doutorado, 1996.
15. Os referidos artigos são: VEIGA-NETO, Alfredo. A ciência em Kuhn e a sociologia em Bourdieu: implicações para a análise da educação científica. *Educação & Realidade*, v. 17, n. 2, jan./jun., 1992, p. 85-99; e VEIGA-NETO, Alfredo. A Ciência em Kuhn e a Sociologia de Bourdieu: as diferenças. *Educação & Realidade*, v. 18, n. 2, jan./jun., 1993, p. 57-61.
16. SHERIDAN, Alan *Michel Foucault: the will to truth*. Nova York: Tavistock Publications, 1980.
17. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
18. FISCHER, Rosa Maria Bueno Fischer Maria Bueno *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS. Tese de doutorado, 1996.
19. DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.
20. FOUCAULT, Michel. Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur des corps. In: _____. *Dits et écrits*. Vol. III. Paris: Gallimard, 2001, p. 228-236.
21. SAID, Edward. *Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo, 2003.
22. VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: _____. *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a história. Brasília: Ed. da UNB, 1982, p. 151.

Agradecimento especial a Fabiana de Amorim Marcello, pela transcrição do diálogo gravado e pela cuidadosa revisão das notas.

Alfredo Veiga-Neto é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Luterana do Brasil.

Endereço para correspondência:
Rua Botafogo 620/502
90150-050 – Porto Alegre – Brasil
tel/fax: 51-32334420
E-mail: alfredoveiganeto@uol.com.br

Rosa Maria Bueno Fischer é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora do CNPq.

Endereço para correspondência:
Rua Dona Amélia, 187/201 – Santa Tereza.
90810-190 – Porto Alegre – RS
E-mail: rosabfischer@terra.com.br